

HILDA HILST E OS LIMITES DA LINGUAGEM – UMA LEITURA DE O CADERNO ROSA DE LORI LAMBY

Aluno: Rebeca Fuks

Orientador: Rosana Kohl Bines

Introdução

O projeto de pesquisa “Literatura e violência: o universo da infância” orientado pela professora Rosana Kohl Bines com o apoio da FAPERJ procura focar o binômio criança-violência, cotejando narrativas que priorizam o olhar infantil sobre experiências-limite, as quais colocam em risco a própria sobrevivência da criança que narra ou cuja história se relata. No livro *O caderno rosa de Lori Lamby*, Hilda Hilst retrata uma menina de oito anos, vítima de abuso sexual (empresariada pelos pais) e que aparentemente sente prazer nos atos de abuso.

Objetivos

A personagem Lori Lamby nos desloca para uma visão totalmente desidealizada da infância. O livro é escrito em primeira pessoa e o incomodo do leitor surge justamente da incompatibilidade entre aquilo que se narra (as cenas de abuso e comentários impróprios) e como se narra (de maneira inocente). O olhar infantil descrito através de Lori desestabiliza o leitor e obriga-o constantemente a tomar posições. A narrativa joga permanentemente com a idéia entre o que a criança sabe e o que ignora, entre a inocência e a perversidade, a candura e a corrupção. Entre as várias possibilidades de leitura da obra, escolhemos analisar como a linguagem usada por Lori aproxima o leitor e ao mesmo tempo o afasta. Hilda procura reproduzir o tempo todo uma linguagem infantil, buscando marcar para o público que sim, quem tem a voz na narrativa é a criança. O tom pueril dado ao testemunho se contrapõe ao fato de que a obscenidade do livro se faz através do mesmo tom natural dado pela menina aos seus relatos. Nesta investigação nos propomos a refletir que linguagem é essa criada por Hilda: múltipla, polifônica, inaugural, incômoda, que busca encontrar novos ângulos de visão, novas percepções, luminosidades.

Metodologia

O caderno rosa de Lori Lamby busca a reflexão que faça transgredir os saberes acabados, identificados, pré-estabelecidos. A escrita de Hilda Hilst procura o tempo todo testar os limites da linguagem, da transgressão, da experimentação, do corpo. Gradativamente o livro nos aponta para uma concepção de escrita que busca reafirmar sua corporeidade. Para refletir sobre tais questões convocamos leituras dos teóricos Georges Bataille e Sigmund Freud. Como bibliografia mais específica para a análise de *O caderno rosa de Lori Lamby* utilizamos a tese de doutorado “Leituras malvadas” de Ana Cristina Chiara. Com base nos textos estudados procuramos entender como, disfarçado de pornografia, *O caderno rosa de Lori Lamby* propõe uma fina reflexão sobre o ato de escrever como possibilidade de jogar com os limites da linguagem.

Conclusões

Hilda Hilst estabelece uma nova relação entre as palavras e as coisas (uma relação mais espontânea, despojada de racionalizações e abstrações adquiridas ao longo do processo de desenvolvimento e de aquisição da linguagem). A personagem principal parece se aproximar cada vez mais de um discurso natural, livre de tantos tabus, um discurso que pretende simular como a criança encara seu próprio corpo. *O caderno rosa de Lori Lamby* faz suspender a interdição moral e social a favor da transgressão. Esse novo olhar enriquece a

pesquisa por ampliar seu horizonte de estudos. Pretendemos problematizar através de Hilda Hilst a associação da temática da infância com o universo da sexualidade.

Referências

- 1 - BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Lisboa: Moraes, 1980.
- 2 - BATAILLE, Georges. **A literatura e o mal**. Porto Alegre: L&PM, 1989.
- 3 - FREUD, Sigmund. **Além do princípio de prazer**, *Psicologia de grupo e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.
- 4 - CHIARA, Ana Cristina. **Leituras Malvadas**. Rio de Janeiro, 1996. Monografia (Doutorado) – Departamento de Letras, PUC-Rio.
- 5 - **Cadernos de Literatura Brasileira Volume 8 – Hilda Hilst**. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 1999.
- 6 - HILST, Hilda. **O caderno rosa de Lori Lamby**. São Paulo: Globo, 2005.
- 7 - LISPECTOR, Clarice. **Felicidade Clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.